

# FUSOLÂNDIA

'Depois de sairmos da nossa terra, a gente é Portugee na América e Calafona nos Açores, mas não é uma coisa nem outra...'



## Ribeira Grande: Uma 'Ponte' aberta para o 'Rio Atlântico' e sua Diáspora

*Parafraseando o escritor açoriano João de Melo, não exagerarei se vos disser que hoje somos "gente feliz com lágrimas", regressámos a casa – à nossa querida Ribeira Grande.*

*Voltámos às origens, à terra que nos viu nascer.*

*Este Encontro é mais um "mergulho nas nossas raízes" com a particularidade, desta vez, de ser cá, no nosso berço natal.*

*Muitas têm sido as iniciativas sócio-culturais levadas a cabo por "ribeiragrاندenses" da diáspora a fim de manterem viva, nos nossos espíritos e na nossa alma, a nossa Ribeira Grande e suas gentes. Os "Convívios dos Naturais do Concelho da Ribeira Grande" e os Encontros dos "Amigos de Rabo de Peixe" que anualmente têm tido lugar nos Estados Unidos e Canadá, acontecimentos estes que congregam centenas de ribeiragrاندenses e rabopeixenses, são bom exemplo de dinamismo e de amor dos nossos emigrantes ao torrão natal.*

(Continua na página 6)

Boas Festas

IDEAL



NANA

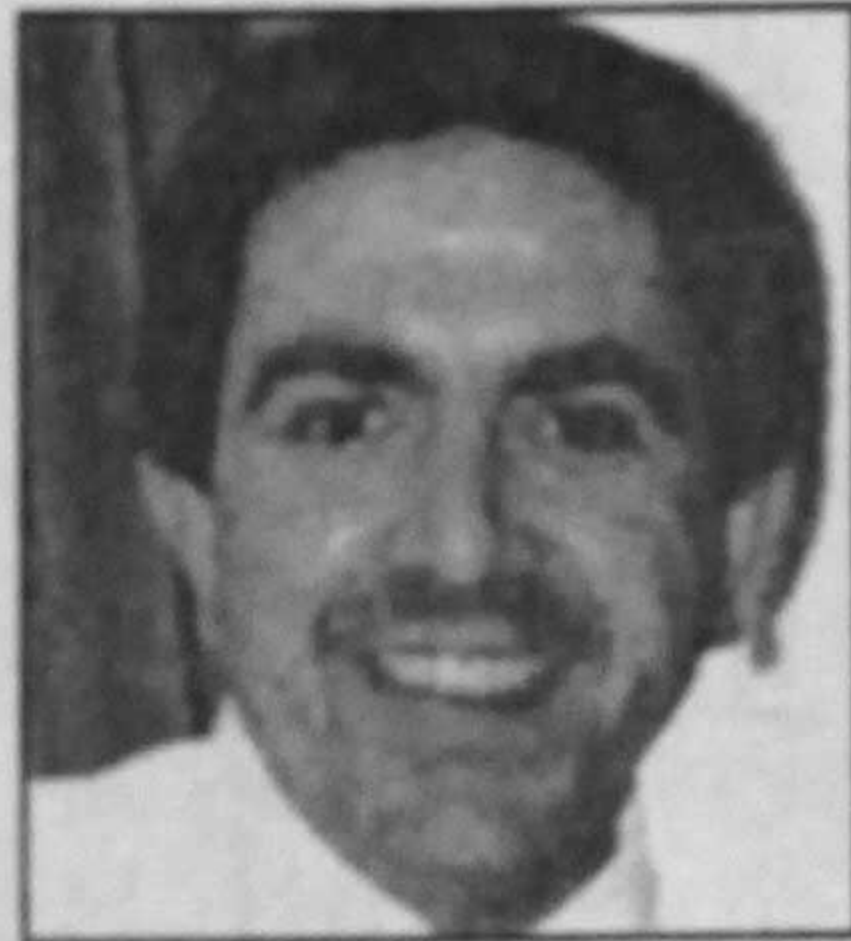
Boas Festas

MODE

Rua Sousa e Silva nº 58  
Matriz - 9600 RIBEIRA GRANDE  
Tel: 296 474 563

- > Roupa de criança
- > Lingerie
- > Roupa de senhora
- > Sapataria
- > Peles

# Dinis Paiva – 25+1 Anos de Espectáculo!



Num domingo, no dia 18 de Novembro de 2001, no restaurante "Venus de Milo", em Swansea-Mass, o

conhecido Dinis Paiva foi alvo de uma justa homenagem pelos seus vinte e cinco anos de carreira artística.

Associaram-se a esta festa um bom número de cantores, várias entidades locais, nomeadamente políticos e dirigentes de organizações culturais e desportivas.

A popularidade do homenageado é tanta, que as cerca de mil pessoas ali presentes, pareciam ser todas seus familiares.

Muita música, muitas ofertas, muitos risos e gargalhadas preencheram os intervalos do banquete. Quem conhece Dinis sabe muito bem que a boa disposição é obrigatória nestas e noutras ocasiões.

Nasceu no Porto Formoso - concelho da Ribeira Grande em 1946, e passou parte da sua infância e juventude na ilha Terceira, onde se iniciou no mundo do espectáculo, primeiro no folclore e depois no teatro.

Enquanto foi militar (fuzileiro da Marinha) cantou muito. No Ultramar, com o seu hábil dom de contar anedotas, animava os natais dos soldados com música e gargalhadas. E em Lisboa

cantou com amigos, e depois na Ribeira Grande, onde foi um dinâmico morador. Na terra dos fuseiros fez muitas amizades. Muita gente ainda se deve lembrar da sua ligação com o *Benfica Águia*.

Emigrou para os Estados Unidos em 1974 e, em Fall River, nas noites de fado cantava no restaurante *Sagres*.

Em 1978, apareceu a sua primeira gravação e em 1980, a segunda.

Trabalhou muito tempo com Jorge Ferreira, depois comprou o restaurante *Estrela do Mar* em East-Providence, onde conheceu muitos (e bons) artistas e amigos.

Participou com "cantorias e bailaricos" no filme "MYSTIC PIZZA" e num outro intitulado "A ALEGRIA DE UM PARA A DESGRAÇA DE DOIS".

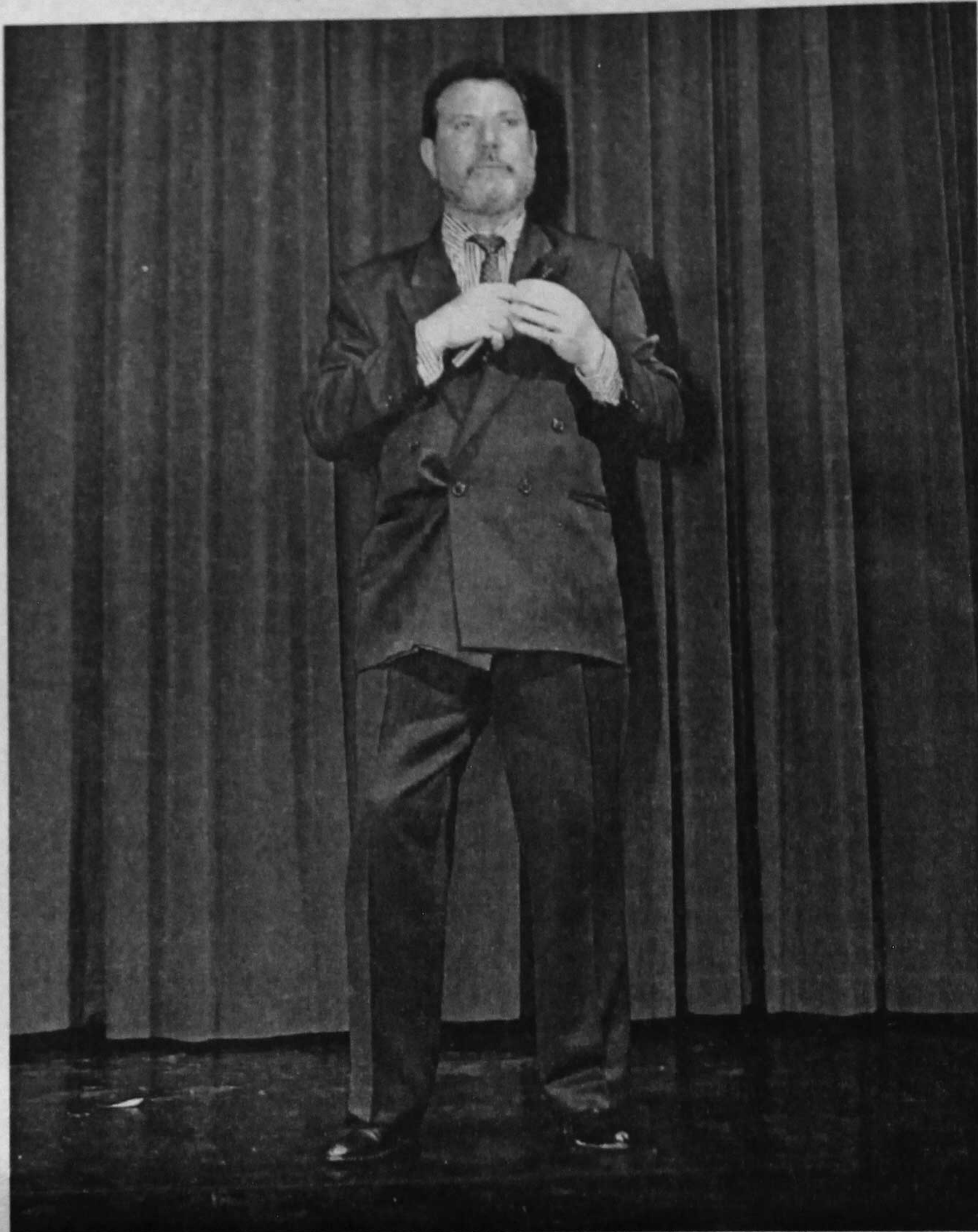
Actualmente é dono do restaurante *O Dinis* (em East-Providence).

Faz uma média de 60 espectáculos por ano e diz que nunca leva nada preparado para o palco, porque nunca sabe o tipo de espectadores que vai encontrar.

Tem sido ao longo dos anos (desde o primeiro) o Mestre-de-Cerimónias nos banquetes de confraternização dos ribeiragrandenses na Nova-Inglaterra.

Para além de programas radiofónicos que já realizou, também colabora com a televisão portuguesa (Canal 20) e com todos os que necessitam da sua ajuda.

Enfim é um "Homem" da comunidade luso-americana. É único pela sua habilidade de "troca de pronúncias". Quem não o conhece pode ser facilmente baralhado, principalmente quando a mesma pessoa faz um diálogo entre 3 ou



4 indivíduos imaginários.

Por isso, até mesmo uma anedota sem pés nem cabeça, se for contada pelo Dinis, faz rir toda a gente!

É com muita alegria que nos congratulamos com o "nosso" José Dinis e

dizemos com orgulho que ele é um dos nossos. Parabéns!

Alfredo da Ponte

## Os quês e os porquês

# Uma estória de fim de ano

ponte@aer.com



Não tarda nada o ano velho está aí a cair de morto, e às doze badaladas da meia-noite vai ser outra vez uma roqueirada de encher o olho, só fogo de vista para a gente esbugalhar os olhos e ver estrelas de todas as cores a cair pelo céu abaixo. Não

havia necessidade, com tanta estrela que já há no céu, umas supernovas, outras infinitamente velhas, umas anãs brancas, outras gigantes vermelhas, mais buracos negros e poeira cósmica, mas alto lá, que se me meto por aí vou parar ao fim do mundo.

A culpa desta arengada é ser muito distraído e ter ido passear para o hiper das poucas vergonhas consumistas, e vai daí dei de caras com um grande saldo "reveillon", lembrava-me lá o que isso era, mas estava lá escarrapachado, pague um, leve uma dúzia, e eu levei. Achei a coisa pesadona, mas não podia ser o preço, que estava em saldo, e quando cheguei a casa, tudo já bem chocalhado da calçada, vi que trazia uma carrada de garrafas, todas com rolha a mais, aqueles cabeços de cortiça a espichar pelos respectivos gargalos, e ainda por cima tudo bem apertado com verga retorcida.

Essa agora, só mesmo para chatear o freguês, e fui aos arames, quer dizer, despartei o vergame, e ainda estava a pensar distraído como ia meter o saca-rolhas naquela

cortiça toda, quando a pequena armada de garrafas começou aos tiros, uma boa dúzia de estoiros, imaginem, tal salva de rolhas foi acertar em cheio no tecto, fez ricochete, por pouco que não me deixava a casa em cacos e me dava cabo do canastro. Eu podia estar distraído mas não estava tolo, percebi logo, aqui há gás, e havia, gás carbónico ou dióxido de carbono, o tal do aquecimento global e do efeito de estufa, por que diabo hão-de dar vinte nomes à mesma coisa, é só para confundir a gente. E como a pressão dentro das garrafas de espumante era grande, daí aquele peso do vidro grosso, a rolha a espichar, os chatos dos arames, a ver se o gás carbónico não saía antes da hora, mas safu, e agora!?

Estava eu atarantado com aquele gás todo, já tinha lido algures ser aquilo uma criação de Baco, ou eram as

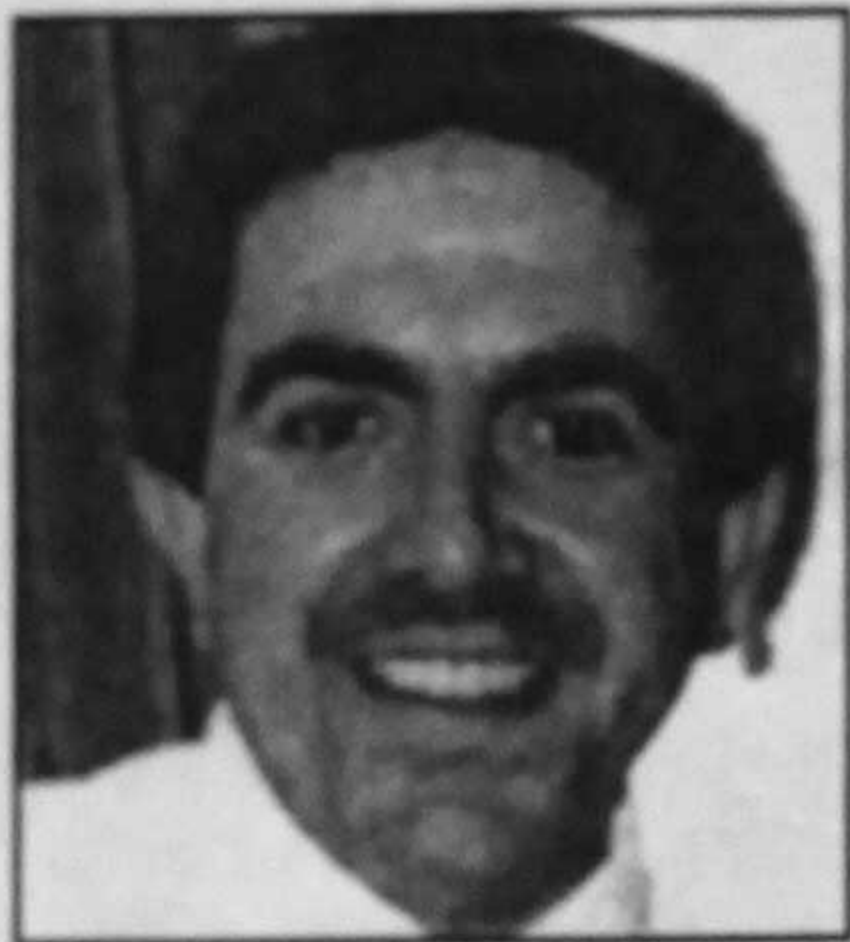


leveduras que causavam a fermentação do mosto, não interessa agora, e dei por mim à procura de copos para aproveitar o que ainda jorrava daquele arsenal de canhões de cortiça e espuma. O gás carbónico escapara-se mas não todo, ainda havia muito dissolvido, porque o espumante continuava a borbulhar nos copos, mas coisa estranha, borbulhava só em certos sítios. E foi quando percebi que o gás não podia de repente dizer, pronto, vou-me embora, estavam as moléculas sozinhas, aqui e ali, no meio do espumante, primeiro precisavam de achar parceiras, que a união faz a força, e melhor oportunidade para isso não havia que uma bolha já formada numa imperfeição qualquer nas paredes dum copo. Aí se agregavam, primeiro uma, depois muitas mais moléculas de gás carbónico, até fazer uma bolha que se visse e subisse até à superfície, para logo outra se formar e lhe seguir o rasto, e assim por diante.

Era ver aquela profusão de copos e garrafas, aquilo parecia um campo de fontes hidrotermais no fundo do oceano, uma maré de chaminés de gás carbónico, e eu a pensar que o espumante ia deixar de o ser antes do tempo, as borbulhas não aguentavam até ao "reveillon", que era a noite de fim de ano, já me lembrava. Ora, para grandes males, grandes remédios, o ano acabava ali, roqueirada já tinha havido, bebia-se o que restava, logo e já, e era assunto arrumado. E foi, mas antes que fosse, arranjei-vos esta arengada.

Rui Melo Ponte

# Convívios de Ribeiragrandenses nas Américas



Os anúncios de encontros de gente, de um ou outro lugar de origem, de há alguns anos a esta parte, na

América são muito frequentes para quase todos os fins-de-semana. Destes tais chamados "convívios", até já nasceram organizações e, uma delas é o Convívio Ribeiragrandense da Nova Inglaterra, que este ano completou o seu décimo aniversário.

Desta organização, cerca de 7 anos depois, nasceu um rebento no Canadá e ao que parece, os ribeiragrandenses da diáspora estão agora mais unidos do que nunca.

## O Convívio em Montreal

No passado dia 5 de Outubro, a província canadiana de Quebec, pelo quarto ano consecutivo saudou os naturais e amigos do concelho da Ribeira Grande. O encontro dos ribeiragrandenses, como nos anos anteriores, teve lugar na cidade de Montreal, no salão de festas da igreja de "L'ENFANT JESUS". No referido lugar, estiveram presentes cerca de 500 pessoas, incluindo pouco mais de quarenta que foram dos Estados Unidos. Várias figuras da Ribeira Grande se fizeram deslocar a esta festa, que foi abrilhantada por diversos artistas portugueses residentes naquela província, finalizando com o grande nome da música portuguesa, Marco Paulo, que foi ao Canadá com este propósito, sem trazer consigo a sua orquestra. A Câmara Municipal de Ribeira Grande fez-se representar pelo seu Vice-Presidente, o Sr. Filomeno Gouveia, que veio acompanhado pela esposa. A Junta de Freguesia de Matriz, "enviou" o seu Presidente, António Anacleto, nosso antigo colega de escola, de quem temos boas recordações, acompanhado pela simpática esposa Marta, nossa antiga vizinha. O Sr. Albano Garcia representou a Casa do Povo e o Sr. Ildeberto Piques Garcia representou-se a si próprio, sendo acompanhado também pela esposa. Rever conterrâneos é sempre agradável. Vimos em Montreal, pessoas que nem sequer sabíamos ter emigrado da 'sua' Ribeira Grande, e outras de quem matámos muitas saudades.

## A Pinta da Eduarda

Havíamos conhecido a Eduarda, nos tempos do ensino secundário, sempre com aquele charme que fascinava a

rapaziada. O seu perfume de baunilha mis-turado com a laca que usava no cabelo, davam-lhe um cheiro único e inconfundível. A Eduarda era elegante. Aos quinze anos de idade, as suas pernas muito bem torneadas, das canelas aos joelhos mediriam uns abastados 50cm, sendo a altura total da personagem, cerca de 1,80m. E o peso da jovem, rondaria os 80 quilos. Vinte e cinco anos mais tarde, no Convívio Ribeiragrandense em Montreal encontramos a mesma pessoa.

Linda como sempre, ou talvez mais bela do que nunca! Foi até o João Manuel, com quem estávamos de conversa fiada, que na altura em que ela passou, nos cha-

mou a atenção nestes termos: 'Alfredo, lá vai a Eduarda!... Sempre com a mesma pinta!... já viste? Vimos sim! E reparamos que uma coisa mudou: a sua vaidade! Desta vez até nos pudemos cumprimentar, o que era impossível fazer há 25 anos atrás... São coisas da (i)emigração!...

## O Convívio em Fall River

Fall River, para além de ser cidade-irmã de Ponta Delgada, é também de todas as outras Cidades e Vilas dos Açores (pelo menos, no ponto de vista do imigrante). Nos anos anteriores, na Nova Inglaterra, o Convívio Ribeiragrandense começava

na igreja do Senhor Santo Cristo, desta cidade, onde era celebrada missa por alma dos ribeiragrandenses falecidos, e terminava com o banquete, na vila vizinha de Westport. Neste corrente ano, a comissão achou por bem sair desta rotina, por várias razões. E assim, no dia 12 de Outubro, realizou-se no restaurante Beira Alta, em Fall River, a dita Confraternização Anual dos Naturais e Amigos do Concelho da Ribeira Grande da Nova Inglaterra. Como convidados de honra, tivemos as presenças simpáticas do casal Plínio e Celina da Ponte, na companhia do seu filho, Dr. Rui Ponte, cientista do Massachusetts Institute of Technology, e morador aqui perto de nós, mais precisamente em Cambridge (MA). O único autarca do concelho da Ribeira Grande que nos visitou foi o Sr. Carlos Dinis, Presidente da Junta de Freguesia de Fenais d'Ajuda. Nenhum outro aqui apareceu. Parece incrível, mas é verdade! Mas, a festa fez-se sem aqueles que não apareceram, até, talvez, um pouco melhor! Antes poucos e bons, como diz o ditado. Tivemos a agradável visita de um ilustre ribeiragrandense, radicado na Califórnia há mais de 40 anos. Trata-se do Dr. Décio Garcia Machado Oliveira, um homem bastante popular e sem peneiras, poeta por natureza e dono de uma boa disposição fora do vulgar. Juntando-se a esta grande festa ribeiragrandense, alguns membros da comissão organizadora destes convívios no Canadá, também nos visitaram. Sinal de que não estamos sós. Voltando aos convidados de honra: algumas dezenas de velhos alunos da Sra. Dona Celina fizeram sorrir a simpática professora e velhos amigos e conhecidos rodearam o Sr. Plínio, que morava na rua da Ponte Nova, era funcionário da Caixa Agrícola e membro de várias associações na Ribeira Grande. O Dr. Rui, por sua vez, com a sua simplicidade, falou para cerca de quatrocentas pessoas ali presentes, e com poucas palavras disse tanta coisa, como ele o sabe fazer. Depois do discurso, já sentado à mesa, o nosso amigo Zeca Faria remexendo no passado, falou-lhe da camisa do *Ideal* que o Dr. Rui tanto gostava de vestir e outras coisas deste género. E assim se faz um óptimo convívio, sem haver política misturada com os sentimentos de quem vive a Ribeira Grande.

Quanto à ausência das entidades oficiais, achamos melhor nem tecer comentários a este respeito.

## Recordação do

## X CONVÍVIO DOS NATURAIS E AMIGOS DO CONCELHO DA RIBEIRA GRANDE



Fall River, MA  
12 de Outubro de 2002



# 'Depois de sairmos da nossa terra, a gente é Portugese na América e Calafona nos Açores, mas não é uma coisa nem outra...'

Sentados a uma mesa do *Bar da Académica*, encostado ao *Kennedy Park*, passámos uma tarde gélida do pavoroso Inverno da Nova Inglaterra, ele a recordar o passado, eu a ouvi-lo. Fumávamos 'Boa Viagem' e bebíamos 'Cerveja Melo Abreu'. Já lá vão mais de vinte anos, ele permaneceu em Fall River, não sei se vivo e de saúde, eu regresssei à Ribeira Grande.

Porém, continuaremos a ser pela vida fora imigrantes e regressantes. Estaremos lá e cá, como estaremos aqui e agora, lá e outrora.

Entre a ida e o retorno, o retorno e a ida, quer o façamos só em corpo ou em espírito, acodem-me três tratamentos pictóricos do sucesso: 'Os Emigrantes' de Mestre

Domingos Rebelo, descrevendo naturalisticamente uma bucólica partida; 'Os Regressantes' de Tomás Borba Vieira, descrevendo expressionisticamente o retorno; e 'O Tríptico dos Emigrantes' de Almada Negreiros, questionando modernisticamente o drama da partida.

A conseguir o que pretendo, estas notas não serão fruto de pesquisa científica, serão apenas o exercício de uma convivência. Referir-me-ei à Lusolândia da Nova Inglaterra entre os anos de 1975 e 1983.

A existir tese que resuma o pensamento expresso nestas notas, seria a seguinte: **todo o emigrante, ao partir, é já uma regressante, ainda que nunca mais regressse fisicamente ao local de partida.** A existir um juízo de valor sobre o assunto, resumi-lo-ia assim: a emigração, apesar de ser veículo privilegiado de enriquecimento cultural, é um enxerto doloroso.

## O Imigrante / Regressante

Sair com o corpo da terra onde se cresceu, pouco importa se bem ou mal, constitui um acto que poderá ser rotulado de heroico ou de louco. Dominam a decisão o coração e o estômago. Os motivos que levavam o açoriano a emigrar mudaram. Antes era refúgio de muitas fomes. Foi também desertor da guerra colonial. As mudanças ocorridas na sociedade açoriana, tornaram-nos cada vez mais num aventureiro. Proponho-vos como verificação empírica da minha tese, um simples exercício mental. Calça os 'mocassins' do imigrante/re-

gressante, anda com eles até sentires o que ele sente. Sugeriam os membros de uma tribo de índios norte-americanos. Comecem por sentir a despedida.

É certo que o incandescente desejo de partir, adormece a dor da partida. Só desabrochará por completo, lá longe, a frio, quando todas as dores rebentam. A dor da saída é **aná** para os que partem e **gigantesca** para os que ficam.

O emigrante/ regressante ao se instalar na cadeira do *Boeing* rumo ao *sonho*, acredita que o que vai perder será sempre menos do que ganhará no destino. Dos meus companheiros de voo, só alguns, foram de facto para os Estados Unidos da América do Norte. Eram

sobretudo estudantes. Mesmo estes, deslocar-se-iam com assiduidade à Lusolândia, ao seu arquipélago, e à Fusolândia, a sua freguesia.

Iríamos ao *Chaves Market* comprar pé de torresmo, iríamos jogar matraquilhos à Académica, iríamos à procissão de *Fall River*, ou leríamos o *Portuguese Times* e ouviríamos a Rádio lusolândesa de *New Bedford*.

Ao chegar ao destino, à medida que vai, ao pulso, realizando o sonho de conforto, assaltam-lhe dúvidas. Será que tomei a melhor decisão? Tenderá ele a desabafar para com os seus envergonhados botões.

É o estar lá de corpo sem alma e estar cá de alma sem corpo. Porém, o cá, não se situa nem no espaço dos Açores, nem no tempo concreto dos Açores. Regressa invariavelmente a um tempo e a um espaço inventados, por vezes mistificados, a uma outra ilha, a outra freguesia no meio da confusa bruma dos seus enxertos. A uma ilha e a uma freguesia fora de qualquer mapa. Uma ilha sempre historicamente sonhada, mas nunca atingida. Desde os tempos dos primeiros povoadores destas ilhas. Continuem a imaginar-se imi-

grantes/regressantes. Vendam tudo, tratem das *tortuosas* papeladas convictos de que cada papel *preenchido* e *carimbado* e reconhecido, é um passo de gigante em direcção ao *Jardim do Éden*.

Na Ribeira Grande ainda, antes ainda do

embarque, já vivem fora dela, lá, na outra margem da *grande ribeira* Atlântica. E os dias que faltam para a hora da partida parecem-lhes uma estúpida eternidade. Marcam-se passagens, e, até que enfim, atravessa-se, num ápice a *grande ribeira* que une a 'terra da desgraça' à 'terra da fartura'.

E agora? Ter de recomeçar *tudo de novo* é tarefa árdua. Imaginem o camponês, num ai, transformado em operário fabril. Trabalhar o maior número de horas a qualquer hora. Chegar a casa e encontrar a *mulher* a sair para trabalhar o maior número de horas a horas desencontradas. Deitar-se quando os filhos se levantam e levantar-se quando os filhos e a *mulher* se deitam. Alguns só se encontram aos Domingos. Outros nem isso.

Assim será por muito tempo quando se recomeça. Há quem não resista e regressse de imediato. Outros não desistem por um triz, porque 'para trás mijsa a burra e anda o caranguejo', deixam-se ir ficando. Prometendo, todavia, a si, a tudo e a todos, regressar, mal tenham amealhado um 'bom pé de meia.' Poucos serão os que regressam.

Os filhos crescem, dão-lhes netos, pouco a pouco, enredam-se as malhas da teia em que a vida é tecida. Ficam, pois: uns por gosto, outros por resignação. A vinda ao Coração de Jesus ou ao Senhor Santo Cristo dos Milagres, dessedenta-lhes a sede de regresso à terra natal. Mas, tal como todas

a cova lhes resolverá o dilema. Outros não querem regressar por nada deste e do outro mundo. Ou não podem. Contudo, fazem-no sempre, ainda que o façam lá, na terra de adopção, recorrendo à transplantação do *modus vivendi* das suas ilhas imaginárias. Tomemos o exemplo do imigrante que gosta de futebol. Em regra, reparte o seu amor clubístico entre o clube da terra natal, o clube de *Lisboa* e o clube da sua terra de adopção. Os jornais desportivos continuam, tal como cá, a ser lidos com sofreguidão pelos lusolandeses, e os relatos desportivos, serão os programas de maior audiência. O lusolandês, exímio desportista de telecomando e sofá, acaba por aderir a

desportos da terra de adopção. Passam a gostar de *Boxing*, ou de *Wrestling*, ou de *Basketball*, ou de *Baseball* ou ainda de *Hockey*. Torcem por equipas da área de residência, como por exemplo, pelo *Boston Celtics*, para o Basquete, pelo *Boston Bruins* para o Hóquei, ou pelo *Red Sox* para o *Baseball*. Este triângulo espacio-cultural, cujos vértices derramam-se pela Lusolândia, pela América e pelos Açores, caracteriza quaisquer manifestações no seio das comunidades imigrantes.

O *fuseiro* oriundo da Matriz de Nossa Senhora de Estrela, em Fall River, tomará como suas, pelo menos, três festas: a do Coração de Jesus da Matriz, a do Senhor Santo Cristo dos Milagres, de Ponta Delgada, e a do Senhor Santo Cristo na igreja



Mural (pormenor) da Gare Marítima da Rocha do Conde de Óbidos: Almada Negreiros



Os emigrantes: Mestre Domingos Rebelo. Cortesia do Museu Carlos Machado

as sedes, esta jamais se extinguirá. Regressam à terra de adopção desiludidos, alguns jurando nunca mais voltar, porque o que encontraram na terra natal não correspondeu, como não poderia, à sua terra natal. Esta ingratidão e cegueira é fruto de desfasamento entre a fantasia e a realidade. Como o apego *telúrico* à terra natal é visceral, passados meses ou anos, reaviva-se-lhes os desejos de regresso. Só

da mesma invocação da sua nova Cidade. Nem mesmo por hipótese remota, os clubes de lá como as festas de lá, poderão ser melhores que os clubes e as festas de cá. É este mesmo espírito que justifica o mercado da saudade. Existindo lá batatas, couves, atum, etc., nunca tais batatas, couves e atum, poderão ser melhores que as batatas, as couves e o atum de cá. Para se justificarem dizem que 'nem o mar nem a terra dos

*Açores são iguais ao mar e à terra da América.* Creio que assim o imigrante consegue mitigar o sentimento de ambivalência cultural provocado pela proximidade de uma cultura dominante. E assim preenche o vazio causado pelo *'desenraizamento.'*

A Lusolândia, dito engendrado pela verve irónica de Onésimo Teotónio de Almeida, é formada por um ajuntamento de ilhas de margens ambíguas, devassadas pelo mundo americano. Formam pelo menos dois arquipélagos: o do leste, a Lusolândia da Nova Inglaterra, e o do oeste, a Lusolândia da Califórnia. Mas existem, tal como cá, freguesias, por isso existe a Fusolândia, expressão cunhada por Alfredo da Ponte. Alguns lusolandeses trabalham nos Estados Unidos da América do Norte mas regressam ao fim do dia de trabalho à Lusolândia. O americano, filho de imigrantes paridos nas quatro partidas do mundo, comerciante até à medula, tolera as Lusolândias, sejam elas as *Pequenas Itálias* ou as *Chinatowns*.

O americano, ao invés do canadiano, espera, ou pelo menos ainda o esperava em 1983, altura em que regresssei à rua do Botelho, que o lusolandês da segunda geração se assimilasse, ou pelo menos não hostilizasse a matriz W.A.S.P. (*White, Anglo-Saxon and Protestant*). Assim se concretizaria o sonho do *Melting Pot*.

Para os meios académicos, é uma ilusão. O modelo canadiano, para alguns, estará mais conforme a realidade.

A experiência da imigração não é sentida de modo igual por todos. **A constante saudade, sentimento nostálgico do que ficou atrás ou algures à frente, do que não se pode levar na mala, aumenta na razão directa da idade do imigrante.** E, por razões que gostaria de ver analisadas, é mais benigna para com os imigrantes do sexo feminino. É mais leve nos mais novos e mais pesada nos mais velhos.

A Lusolândia, ao mesmo tempo que serve de *amortecedor* ao choque cultural, pode funcionar como *travão* à participação dos lusolandeses na vida cívica da sua pátria adoptiva.



São poucos os recenseados e são ainda menos os que participam regularmente na vida cívica. O peso político lusolandês não corresponde ao seu potencial peso sócio-demográfico. Se assim fosse, como ambicionam alguns mais perspicazes, outra seria a sua influência. Casos como os do senador John Correia, ou de Alfredo Alves, ou ainda de Heitor de Sousa, entre outros, constituem excepções à regra. Ainda assim o **peso** não é despreciando. Se assim não fosse, não surgiriam políticos *'americanos de nação'* tais como o senador federal Clairbone Pell, ou Barney Frank, a *'fazer malícias à comunidade'*.

Surgiram, há pouco, hostes sequiosas de lusodescendentes interessados na terra dos avós. É, sobretudo, um fenómeno observável entre as camadas mais escolarizadas de lusodescendentes. Estão inseridos na cultura dominante, fazendo parte das elites dirigentes, vivendo *distante* da Lusolândia. Outrora, muitos deles acharam conveniente disfarçar a sua origem. São eloquentes os exemplos do maestro John Philip Sousa, ou do romancista John dos Passos.

Ao regressar a Casa em 1983, pude ainda assistir ao início desta vaga de fome pela memória avoenga protagonizada pelo filme *Roots (Raízes)*. Fome mitigada em numerosos cursos e cadeiras universitárias, em muitos e desvairados livros, versando a



Os regressantes: Mestre Tomaz Borba Vieira. Cortesia do autor e do Museu Carlos Machado

experiência imigrante.

O cabeça de casal açoriano recém-emigrado arregimenta a família inteira para a fábrica. O recém-chegado à Lusolândia, num gesto que pode ser classificado de solidário, é assistido pela família que o precedeu. Mobilam-lhe o apartamento, abastecem-lhe a dispensa, arranjam-lhe trabalho. Dão-lhe **'de comer ao mesmo tempo que lhe ensinam a pescar'**.

Do Estado de adopção recebem o sonho e o pesadelo. São as prestações da casa, os impostos da casa, as prestações do carro, dos electrodomésticos, as contas do óleo, do gás, da electricidade, etc... Todo o imigrante recém-chegado à Lusolândia, necessita para **'se governar'** de duas *'feras'*. Uma destina-se à sobrevivência, outra às poupanças.

Mesmo assim, o imigrante não esquece os que ficaram atrás. Manda-lhes, sempre que pode, tudo o que pode. Move-lhe a vontade de provar aos que cá ficaram que ele está **bem**, mas, também uma **vontade de dar**.

Alguns já com **'pé de meia'**, cientes de que o trabalho fabril nunca lhes tirará da **cepa torta**, arriscam **'montar-se por conta própria'**. Abrem agências de viagens, de seguros, mercearias, tornam-se construtores civis, concessionários de **Dunkin Donuts**, etc... Entre eles, Salvador Couto e Carlos Teixeira, conseguiram ultrapassar as barreiras do comércio intra-comunitário e lançaram-se na conquista do mercado americano.

A haver diferença, para além da linguística, entre o mundo anglo-saxónico e o pequeno universo lusolandês esta residirá na oposição entre as cultura da solidariedade do Espírito Santo e a **'do salve-se quem puder'**, tipificada pela política social da administração Reagan.

O lusolandês em *lay-off* recebe de consciência tranquila aquilo que descontou, o americano, nas mesmas circunstâncias, fá-lo com *'shame'* (vergonha). Para este último, tratar-se-á de um atestado ao seu insucesso. O insucesso é o maior pesadelo da cultura americana. Existe uma outra diferença, rapidamente incorporada pelo imigrante: **a ética protestante do trabalho,**

ainda que temperada pelo culto da solidariedade.

Consiste no seguinte: *se trabalhares mais e melhor do que os outros, ficarás mais rico e melhor do que eles e Deus abençoará a tua riqueza.* É a descomplexificação da riqueza tanto quanto a ética católica lho poderá permitir? Se calhar. Quebram-se decididamente os elos da cadeia de fatalismo multissecular.

O filho de um pescador de Rabo de Peixe, em Rabo de Peixe, seria pescador, tal como o pai, tal como foi o avô, o bisavô e assim até ao primeiro na família que começou a pescar. Porém, na América, este destino, no confronto com exemplos concretos, tende a desaparecer. O filho do pescador de Rabo de Peixe, pode chegar a professor universitário, a político de sucesso, a técnico de computadores bem remunerado. A permanecer pescador, sobretudo se estudou, tornar-se-á num que adopta atitudes empresariais modernas.

A terceira geração, em certos casos a segunda, quando pode, abandona a Lusolândia e a Fusolândia. A segunda, ainda se mantém por perto, porém, a terceira, afasta-se para local distante, deixando atrás os novos imigrantes.

Existe, como em qualquer parte, conflito geracional, sobretudo entre pais e adolescentes, no entanto, na Lusolândia, este conflito parece *redobrar*. A cultura açoriana, em estado *puro*, dos pais choca com a cultura *crioula* dos filhos, que já não sendo culturalmente açoriana, ainda não é americana. Sendo a língua inglesa como ponte para o mundo americano, não basta atravessá-la para se ser americano.

Em teoria o imigrante só não poderá chegara Presidente dos Estados Unidos, na prática, seja pela ambiguidade cultural em que vive, seja pela sua inapetência, ele ficará *a anos luz* desta quimera. Os pais como, regra geral, não dominam o inglês, porque precisam de pontes para o mundo americano, adoptam um dialecto *crioulo*, o lusolandês. O lusolandês, como todos os *crioulos*, recorre ao nível do vocabulário, em parte, ao vocabulário da pátria de adopção, conservando, porém, a estrutura da língua

mãe, o português. O lusolandês é a língua franca da Lusolândia. Comércio, indústria, repartições públicas, etc..., exibem letreiros bem visíveis: *'Aqui Portugêis!'* O lusolandês entende o inglês mas, por princípio, responde em lusolandês, o filho, entende o lusolandês mas responde em inglês. Para contactos mais sérios com a *'nação americana'* o lusolandês recorre aos filhos que foram à *'escola americana'*. O orgulho ferido do cabeça *tradicional* de casal, obrigado pela sua cultura a tudo prover, sofre duros rumbos na auto-estima. Os filhos, sabendo que os pais dependem deles, às vezes, abusam.

#### Conclusão:

O imigrante lusolandês, ao contrário do que vem indicado nos *'papéis'*, não deixa os Açores, deixa a sua freguesia algures numa ilha dos Açores.

A freguesia e a ilha são a medida-padrão com que descobre o mundo. Dirige-se ao continente americano, a que sempre se sentiu ligado, e monta residência numa das ilhas do arquipélago da Lusolândia. Em regra, se for oriundo da Freguesia da Matriz, por exemplo, deve dirigir-se a *Fall River*, sua correspondente no estado de *Rhode Island*. Lá reencontrará pais, irmãos e amigos.



O que o emigrante leva na bagagem é muito mais do que os vinte ou trinta quilos legalmente permitidos. Transporta o peso da sua cultura. Cultura que é diferente da americana.

**Por que escolhi para título destas notas a frase irónica de um velho e relho imigrante reformado, residente na Cidade lusolandesa**

**de Fall River? Se calhar por sintetizar, a meu ver, o estado de alma do Emigrante/Imigrante, sempre Regressante.**

# Ribeira Grande: Uma 'Ponte' aberta para o 'Rio Atlântico' e sua Diáspora



**(Continuação da página Fusolândia 1)**

A Ribeira Grande, e as gentes deste Concelho, estão em dívida permanente para com toda esta dedicada gente imigrante que muito faz para promover a nossa Cultura, usos e costumes em terras da diáspora Açoriana. Todos esses dedicados "ribeiragrândenses" mereciam estar aqui hoje. Uma coisa é certa, porém, todos estes homens e mulheres, independentemente das posições e responsabilidades que assumem nas

organizações de que fazem parte, são os verdadeiros "embaixadores" do nosso Concelho e da nossa Região do outro lado do Atlântico.

A emigração tem sido, ao longo da História, uma constante do povo Açoriano. Daí não nos surpreender que alguém já tivesse afirmado que: "Quem quiser conhecer os Açores e os Açorianos não pode ignorar a realidade emigratória". Contam-se por milhares o número de Açorianos que deixaram as ilhas nos últimos 250 anos. Brasil, Estados Unidos, Bermudas e, mais recentemente, a partir dos anos 1950, o Canadá, têm sido os destinos preferidos dos Açorianos, logo dos naturais do Concelho da Ribeira Grande.

Hoje vivem, aproximadamente 1,5 milhões de Açorianos e Açor-descendentes no estrangeiro. Os Açorianos da diáspora são gente que um dia, por necessidade, se viu forçada a sair das Ilhas à procura de uma vida melhor. A maioria partiu sem família, dinheiro e, nalguns casos, vergada de dívidas. Uma vez chegados ao destino final, teve de enfrentar o obs-

táculo da língua (no caso da América do Norte e Bermudas) e o inevitável choque cultural. Se muitos foram bafejados pela sorte do "sonho" Norte Americano, outros acabaram por 'comer o pão que o diabo amassou!' No fundo, e apesar dos muitos sacrifícios a que os nossos imigrantes foram sujeitos e as humilhações a que alguns foram submetidos por desconhecimento da língua, a maioria da nossa gente comunga da ideia de que "valeu a pena emigrar". Apesar das muitas saudades pela terra natal, sublinhe-se que o imigrante Açoriano, ao contrário do Continental, foi para ficar, criou raízes, integrando-se nas sociedades de acolhimento. Certo que fomos para ficar, mas as nossas ilhas emigraram connosco.

Contam-se já por algumas dezenas de milhar (200.000/300.000[?]) os naturais do Concelho da Ribeira Grande e seus descendentes que vivem do outro lado do Atlântico. Em qualquer lugar de fixação, deixaram sempre bem vincada a sua presença não só pela sua enorme capacidade de trabalho, pelos valores culturais e religiosos que transportaram

consigo, mas também pelo estoicismo com que se enraízam e se integram nas sociedades de acolhimento, sem nunca perderem as raízes da sua terra de origem - Ribeira Grande - e destas "nove pérolas no meio do Atlântico plantadas".

É importante que se reconheça o trabalho desenvolvido pelas nossas gentes junto das comunidades onde estão inseridas. Os imigrantes naturais deste vasto Concelho da Ribeira Grande, sejam eles das Calhetas, do Pico da Pedra ou de Rabo de Peixe, da Ribeira Seca, da Lomba de Santa Bárbara, da Matriz, da Conceição, da Ribeirinha, do Porto Formoso, de São Brás, da Maia, da Lomba da Maia ou dos Fenais da Ajuda, [acho que não me esqueci de mencionar nenhuma freguesia] já deram provas, mais do que suficientes, da capacidade de trabalho voluntário junto das nossas comunidades imigradas. Contam-se por centenas os voluntários deste Concelho, das mais variadas idades, que labutam diariamente em prol das nossas Comunidades e das nossas gentes. E isto sem qualquer obtenção de recompensa ou de reconhecimento que





não seja a da satisfação pessoal. Estes homens e mulheres voluntários, merecem todo o nosso respeito, aplauso e agradecimento sentido. Hoje, a Cidade da Ribeira Grande não será só constituída pelas pessoas que nela vivem, mas constituída por todos os “ribeiragrandenses”, independentemente da freguesia onde nasceram, que vivem na “diáspora”. As nossas Comunidades, maioritariamente de origem Açoriana, são os melhores representantes de Portugal e da nossa Região, assim como dos nossos valores e da nossa Cultura do outro lado do Atlântico.

Muitos são os filhos desta terra, que no estrangeiro, têm desenvolvido um trabalho extraordinário em domínios como os da solidariedade social, da educação, do trabalho das empresas, do desporto e, até, da política. Importante é verificar que temos hoje, entre nós, apenas uma “amostra” de alguns filhos e filhas desta terra que continuam a trabalhar, afinadamente, em prol das nossas comunidades de imigrantes. Todos reconhecemos que ainda há muito a fazer junto das comunidades onde residimos. Por exemplo, no campo da educação onde muitos dos nossos jovens não completam o ensino secundário, é necessário que se evite que abandonem, que sigam os estudos superiores. É importante criar infra-estruturas nas nossas comunidades a fim de acolhermos os nossos velhinhos num espaço onde se fale a Língua Portuguesa, onde se sintam em casa. O consumo por vezes abusivo do álcool, e da droga, por parte dos mais jovens, é um dos problemas preocupantes com que nos enfrentamos nos dias de hoje. Muito importante também é criarmos um “lobby” forte a fim de termos uma “voz” mais activa na vida política dos países onde vivemos. Não podemos dizer “stop” aos governos do Canadá e dos Estados Unidos, que continuam a tratar os nossos repatriados como se de “lixo se tratasse”, se não tivermos uma voz mais forte na vida política desses dois países. A legislação em vigor aplicada por estes dois países tem que mudar, mas para que isto aconteça, temos de ser mais unidos e trabalharmos em bloco – Açorianos dos Estados Unidos e do Canadá.

Contava-se, há uns anos atrás, que a “Braga Bridge”, a ponte que liga Fall River a Somerset e Swansea – era a maior ponte do mundo. E isto porque ligava Portugal à América! Neste contexto, eu acrescentaria que a nossa centenária e bonita ponte dos Oito Arcos (onde ainda não se paga portagem) tem sido, ao longo dos anos, não só o “ex-libris” de todos os

“ribeiragrandenses” que tiveram de atravessar o Atlântico à procura de um futuro melhor, mas também aquele “símbolo”, a tal verdadeira “ponte” que, no nosso imaginário, nos mantém em contacto com a nossa terra de origem. Partimos um dia, mas a nossa Ribeira Grande, com suas bonitas freguesias e gentes acolhedoras, continuam nos nossos corações.

Naquele outro “arquipélago” Açoriano – o do lado de lá – encontra-se “ilhas” de gente do nosso Concelho. Por exemplo em Toronto e Montreal, há grandes concentrações de ribeiragrandenses e raboexenses, enquanto que em Hull (Quebeque) predominam os oriundos da Maia. Nos Estados Unidos o mesmo cenário repete-se um pouco de costa a costa do país, salientando-se entretanto a Cidade de East Providence (hoje Cidade irmã da Ribeira Grande) com um número apreciável de gentes oriundas da Cidade da Ribeira Grande. Nas Bermudas onde a esmagadora maioria é oriunda ou descendente de Açorianos, sobretudo de Micaelenses, os raboexenses formam uma parte importante da comunidade local.

Diz-se, e eu concordarei, que a décima ilha Açoriana está nos Estados Unidos e tem por capital Fall River. Eu acrescentaria que, há já uns anos, se formou – a 11 Ilha (esta não de origem vulcânica, apesar do sangue que nos corre nas veias ser de basalto negro). Esta nova “ilha”, situada no Canadá, tem por capital a Cidade de Toronto. É em Toronto que se concentra a maioria dos Açorianos e de naturais do Concelho da Ribeira Grande.

Toronto, é hoje a Cidade mais multicultural do Continente Norte Americano, e com Fall River, são as duas Cidades mais Açorianas da diáspora. Há, presente-mente, mais Açorianos a viver nessas duas Cidades Norte Americanas do que em todo o arquipélago dos Açores. É importante que os nossos políticos Açorianos prestem mais atenção a esta realidade. Nestas duas Cidades temos ruas onde se concentram centenas de famílias Açorianas oriundas das nove ilhas do arquipélago e do Continente Português, incluindo da nossa vizinha ilha da Madeira. Vivemos “Açores e Portugal” todos os dias em terras da “América”! Nesses bairros, que construímos e onde a nossa presença é predominante, sentimos-nos em casa. Af partilhámos as nossas alegrias e tristezas. Aliás, foi em terras de imigração que os Portugueses das Ilhas e do Continente começaram a conhecer-se melhor. A pouco e pouco fomos entendendo que somos mais iguais

do que à primeira vista parecia.

Depois de quase três séculos de terra de emigração, os Açores, na entrada do novo milénio, passaram a ser terra de imigração, o que será um bom sinal. Sinal de progresso e prosperidade na Região, o que implica que os filhos desta terra e deste Concelho não têm que sair à procura de um futuro melhor no estrangeiro. Tal como afirmava ainda recentemente em Providencie (Rhode Island) o meu bom amigo e ilustre filho deste Concelho, o Professor Doutor Onésimo Teotónio de Almeida, docente da “Brown University”: ‘visionamos cada vez mais esse nosso arquipélago como uma pirâmide cada vez mais equilibrada, vertical, no meio de um oceano, cada vez mais Rio Atlântico. No eixo dessa pirâmide encontram-se os imigrantes da diáspora Açoriana que tanto cá como lá se sentem em casa!’

Em conferência que proferi no ano passado na “Casa dos Açores de Toronto”, e que titulei de “Gentes que nós somos: Reflexões sobre a Diáspora Açoriana”, referi que nós, os mais jovens, “só amamos aquilo que conhecemos”. Afirmava que muitos dos nossos jovens nascidos em terras da América do Norte de pais Açorianos, não conhecem os Açores – a terra de nascimento dos pais. O pouco que conhecem da realidade Açores/Portugal é ‘feito’ através dos pais e da família que viveram num arquipélago, diria numa “ilha,” muito diferente da de hoje. Tudo ou quase tudo mudou nos Açores nos últimos 25/30 anos. Dito isto, há, portanto, todo um trabalho de base a fazer junto dos nossos jovens que pouco sabem da terra dos pais e que cada vez menos falam a sua língua materna – o Português.

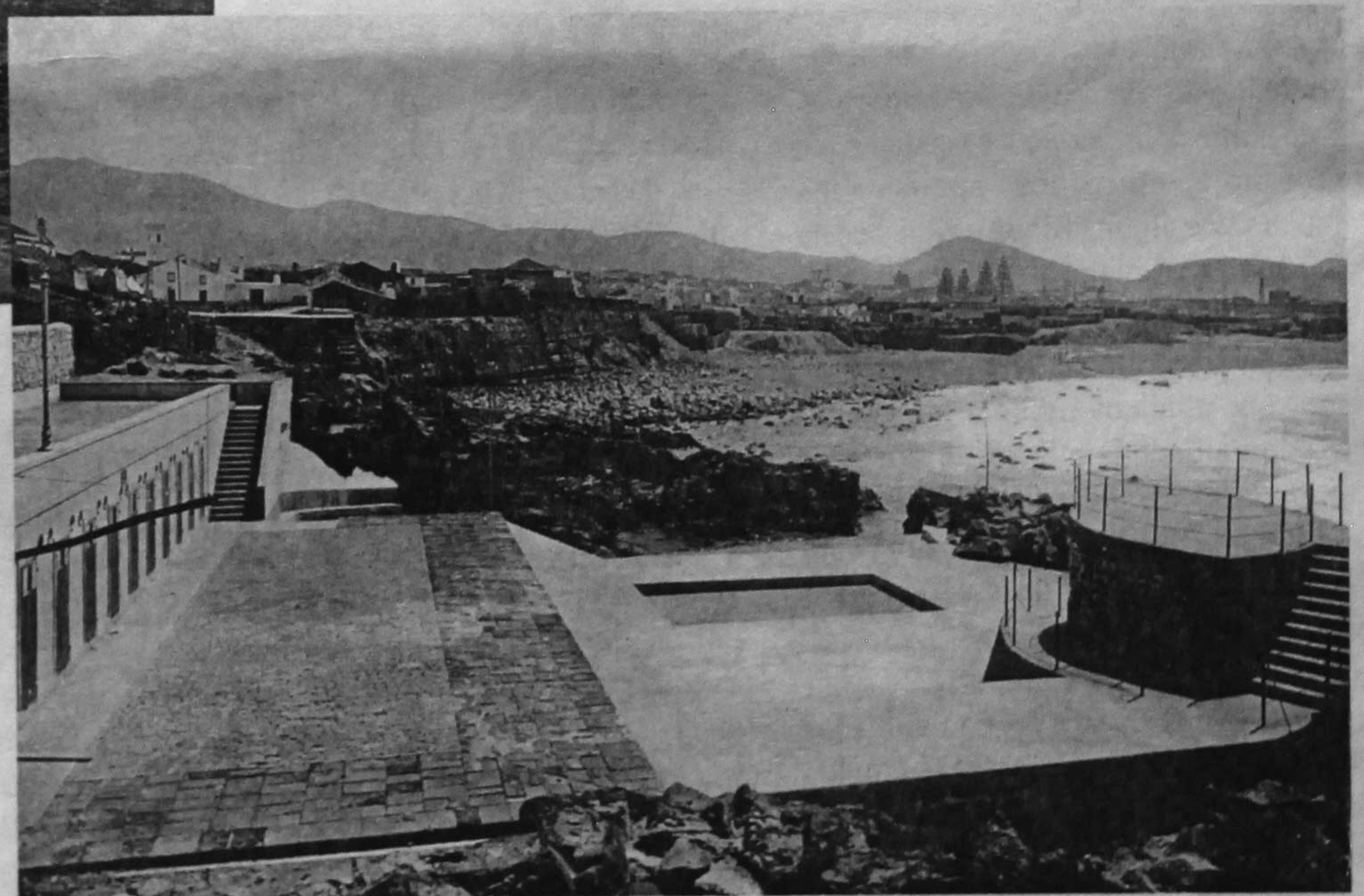
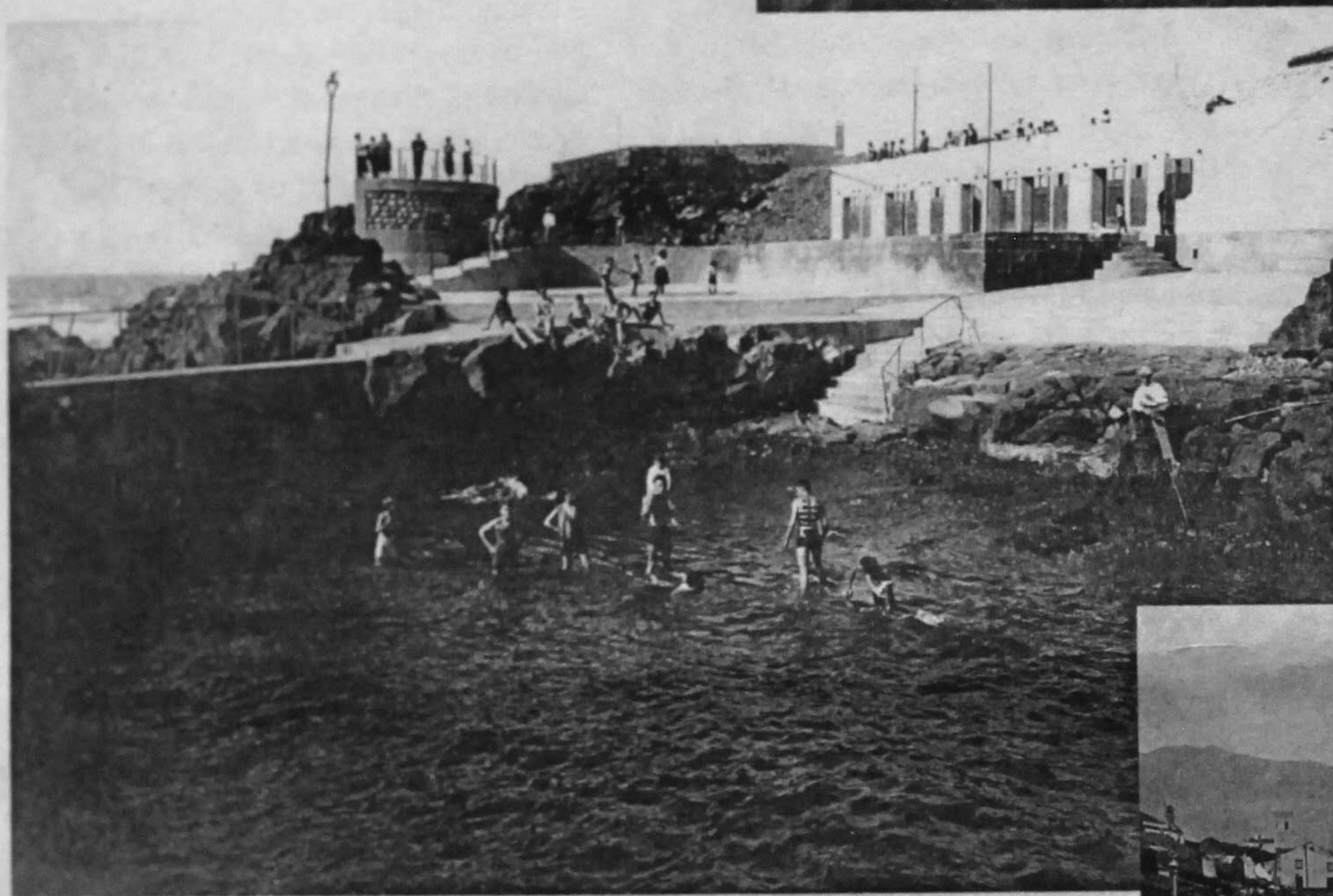
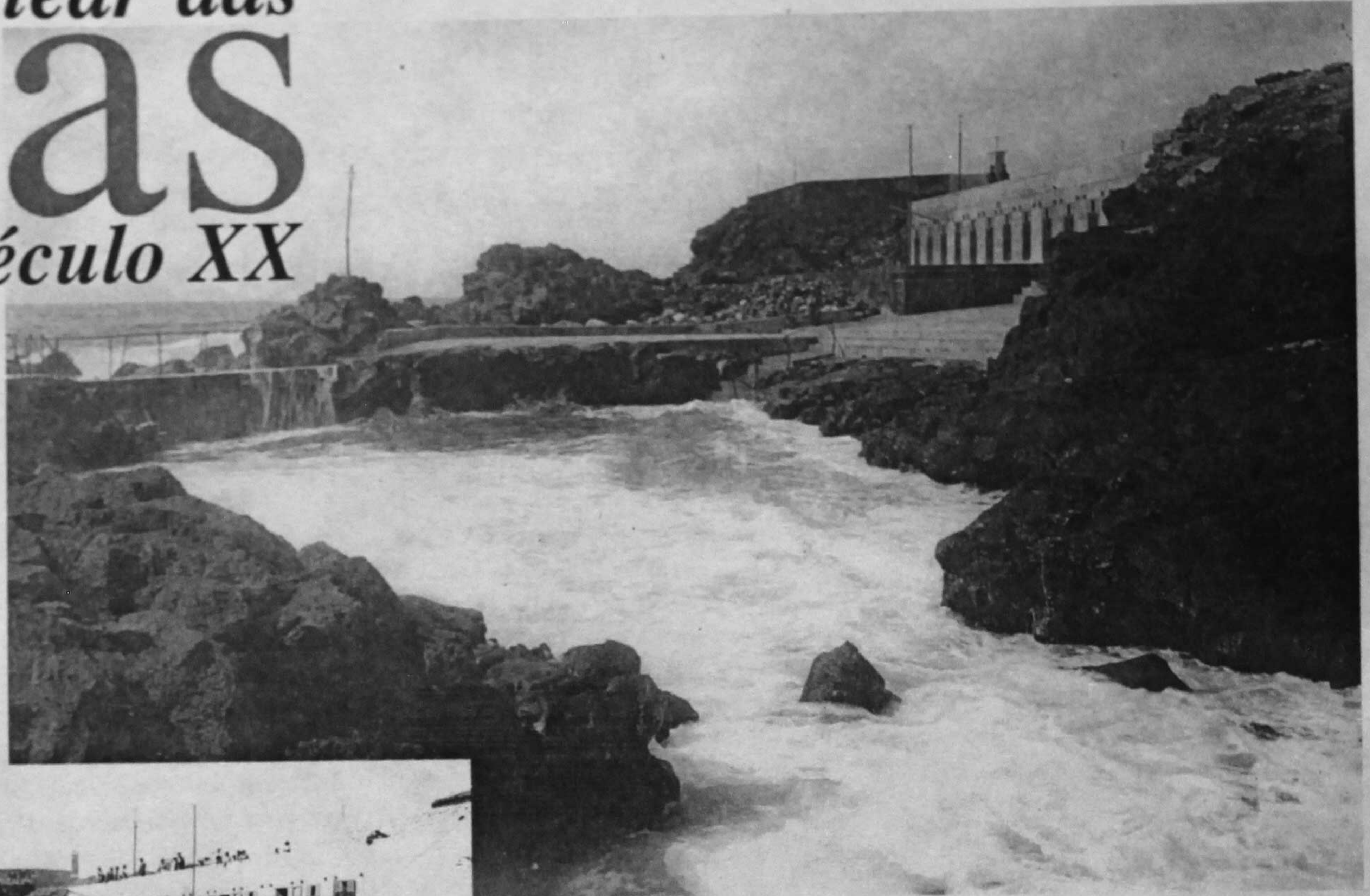
Para os nossos jovens da diáspora, os dilemas inerentes à identificação cultural apresentam o mais crucial desafio que as novas gerações enfrentam. Para muitos jovens, ser “Americano”, “Canadiano”, “Bermudense” e/ou “Português” continua a ser um problema de identidade sem solução. Nas palavras de um deles “a coisa mais fácil é renunciar completamente a herança cultural. A mais difícil é virar costas à integração e adoptar o ‘gueto’, o que conduz ao isolacionismo”. Para muitos deles, ser um Luso-Americano ou Luso-Canadiano é ser capaz de conciliar duas culturas distintas, como síntese, não de maneira antagónica. No estado actual da vida das nossas Comunidades, existem indicações de que se para alguns jovens a identidade étnica constitui uma fonte de enriquecimento, para outros ela pode ser uma fonte de conflitos.

Somos Comunidades em transição – do isolamento à integração. Nas nossas Comunidades, sobretudo as de origem Açoriana, os jovens vão-se inserindo aos poucos no “mainstream” – aquilo a que alguém já chamou de “lenta osmose da assimilação” dos Açorianos da diáspora. Temos de acarinhar os nossos jovens, dar-lhes uma “voz” mais activa na vida das nossas Comunidades, voz que os nossos jovens têm direito. Eles e elas são o futuro das nossas Comunidades. Como mantê-los ligados à terra de origem dos pais e avós, é uma das perguntas que frequentemente, entre nós imigrantes Açorianos, que muito amamos esta terra, se faz. Acredito que só graças a iniciativas “regionais”, sejam elas “semanas culturais”, “convívios/encontros entre jovens”; intercâmbios a nível escolar tanto a nível secundário como a nível universitário com a Região; exposições, festivais de música Açoriana e conferências proferidas por gente que fale a linguagem dos nossos jovens, poderão ser algumas das muitas iniciativas a tomar-se, a fim de não perdermos os nossos jovens e a sua ligação aos Açores. Só através de iniciativas desta natureza será possível aos nossos jovens mergulhar nas nossas raízes e, ao mesmo tempo, cimentar os laços de amizade e de solidariedade que une todos os Açorianos da diáspora. É importante manter ligados os nossos jovens aos Açores e a Portugal, cativando-os através dos nossos valores, da nossa Cultura e das nossas potencialidades turísticas e económicas. Neste momento crucial das nossas Comunidades eu diria que “ou ganhamos a Juventude ou perdemos as Comunidades.”

Os Açores e o Concelho da Ribeira Grande serão maiores na diáspora com acontecimentos como este. Pela maneira como fomos acolhidos e pelo carinho que nos dispensaram, esta Câmara Municipal através do seu Presidente, provou, mais uma vez, que não se esqueceu de nós imigrantes e filhos deste Concelho.

Quando vamos ter o Museu do Imigrante Açoriano? Chegou o momento de prestar-lhes a homenagem que merece. Nada melhor do que um “Museu” dedicado a ele a fim de perpetuar junto dos mais novos o que foi a “vida” dessas gentes, incluindo os inúmeros desafios e sucessos que o imigrante Açoriano teve. de enfrentar em terras da imigração.

# Zona Balnear das POÇAS ao longo do 5º século XX



# NANA

*Boas Festas*

## MODE

Rua Sousa e Silva nº 58  
Matriz - 9600 RIBEIRA GRANDE  
Tel: 296 474 563

- > Roupa de criança
- > Lingerie
- > Roupa de senhora
- > Sapataria
- > Peles

*Boas Festas*

IDEAL

